

Atividades com Comunicação & Educação – Ano XIX – n. 2

Ruth Ribas Itacarambi

Doutora pela Faculdade de Educação da USP, educadora aposentada do IME-USP, pesquisadora e Professora do Instituto Singularidades, coordenadora do grupo GCIEM (Grupo Colaborativo de Investigação em Educação Matemática) e membro da Equipe SiteEducativa.
E-mail: ruthri@uol.com.br

A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra.
(Freire, 1983)¹

Um cidadão "innumerate" hoje é tão vulnerável quanto o camponês analfabeto do tempo de Gutenberg.
(Steen, 1997)²

Este alfabetismo aumentado tiene por característica que no puede prescindir de un conocimiento de la información en sus varias dimensiones, que sea noticias, datos, documentos
(Frau-Meigs, 2014)³

No Brasil, desde 2001, o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, parceiros na criação e implementação do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) têm se dedicado a avaliar as habilidades de leitura, escrita e matemática, classificando os respondentes em quatro níveis de alfabetismo: analfabetos, alfabetizados em nível rudimentar, alfabetizados em nível básico e alfabetizados em nível pleno, sendo os dois primeiros níveis considerados como analfabetismo funcional.

A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) sugeriu a adoção do conceito de alfabetismo funcional que corresponde a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e de usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. Em todo o mundo, a modernização das sociedades, o desenvolvimento tecnológico, a ampliação da participação social e política colocam demandas cada vez maiores com relação às habilidades de leitura, escrita e cálculos. A questão não é mais apenas saber se as pessoas conseguem ou não ler, escrever, fazer operações com números, mas também o

que elas são capazes de fazer com essas habilidades. Isso quer dizer que, além da preocupação com o analfabetismo, problema que nos atinge enquanto país em desenvolvimento, emerge a preocupação com o alfabetismo, ou seja, com as capacidades e usos efetivos da leitura escrita e cálculos nas diferentes esferas da vida social.

No meio educacional brasileiro, letramento (literacia) para a língua portuguesa e numeramento (literacia quantitativa) para matemática são os termos que vem sendo usados para designar o conceito de alfabetismo, que corresponde ao *literacy*, do inglês, ou ao *littératie*, do francês, ou ainda ao literacia, em Portugal⁴.

A literacia verbal e a literacia quantitativa são análogas, no que respeita as competências necessárias a uma participação diligente e refletida na sociedade atual. No século XXI, ambas as literacias são qualidades indissociáveis de uma pessoa letrada. Entretanto, o desenvolvimento tecnológico traz novas literacias como a: digital, fotovisual, de informação etc. Para Gilster (1997)⁵, literato e pesquisador que cunhou o termo literacia digital, trata-se da “extensão lógica da própria literacia da mesma forma que o hipertexto é uma extensão da experiência da leitura tradicional”.

Nesta perspectiva, apresentamos o artigo de Divina Frau-Meigs, “Transletamento: operar a transição digital e o domínio das culturas da informação” que coloca as seguintes questões sobre literacia: “Como pensar a articulação entre os vários letramentos? Separada ou globalmente? Como caracterizar a convergência nas práticas de informação entre os três campos de saber sobre a informação, quais sejam: a educação para os meios de comunicação (informação como comunicação de massa), a informática (informação como código e dado) e a informação documental (informação como documento)?”.

As histórias em quadrinhos (HQs) são mídias de grande influência na sociedade moderna. Assim, apontamos o artigo de Edson Pereira da Silva e Alan Bonner da Silva Costa, “*Niquel Náusea* vai a escola: usos dos quadrinhos em sala de aula”. Pois o uso pedagógico de quadrinhos na escola é polêmico. A revista *Niquel Náusea*, um quadrinho *underground* brasileiro, segundo o autor, traz em suas páginas temas como evolução biológica, genética e criacionismo, tratados com humor, ironia e sarcasmo, características marcantes desta vertente dos quadrinhos. Neste trabalho, são discutidos os usos didáticos potenciais de uma história em quadrinhos específica, no ensino de um conteúdo escolar com fortes implicações sociais: a teoria da evolução biológica. Também são apontados possíveis direcionamentos para os usos de histórias em quadrinhos em sala de aula.

Não podemos esquecer a realidade de nossas escolas nas diferentes regiões do país e suas dificuldades de acesso às tecnologias. Assim propostas simples que contribuem para a formação do cidadão alfabetizado funcional com criatividade são fundamentais para novas práticas educativas, mesmo sem o uso de tecnologia. Para refletir sobre isso, apontamos o artigo de Mercês Pietsch Cunha Mendonça, Iolene Lobato e Carlla Barbosa de Moraes, “Espaços educativos na perspectiva da educação integral”. A proposta do artigo é discutir os espaços

1. Educação e mudança. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

2. Disponível em: <www.maa.org/ql/mathanddemocracy.html>. Acesso em: 21 ago. 2014.

3. Transletamento: operar a transição digital e o domínio das culturas da informação. Artigo publicado nesta revista, à página 61.

4. Ribeiro, Vera Massagão. Analfabetismo e analfabetismo funcional no Brasil. MEDIATECA Inaf. Disponível em: <www.ipm.org.br>. Acesso em: 10 jul. 2014.

5. Gilster, Paul. Disponível em: <www.ncsu.edu/meridian/jul99/downloads/digit.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2014.

educativos como possibilidade de aprendizagem e a investigação percorreu o cotidiano das aulas de ciências, tendo como instrumento a observação participante. Para as autoras, é importante provocar a quebra da rotina, despertar novas realidades, oportunizar a oralidade e, principalmente, motivar a curiosidade.

PRIMEIRA ATIVIDADE

A educação para os meios no século XXI

A atividade está organizada para os cursos de graduação, em particular, os voltados para as Ciências Humanas, como os cursos de Comunicação, Jornalismo e Pedagogia, tem como apoio o artigo de Divina Frau-Meigs, “Transletramento: operar a transição digital e o domínio das culturas da informação” que coloca questões sobre letramento. Está organizada na seguinte sequência didática.

1. Propor a leitura do artigo tendo como roteiro a discussão das questões:
 - O que é letramento ou alfabetismo para a autora?
 - O que esta noção tem a ver com os meios de comunicação?
 - Como pensar a articulação entre os letramentos?
 - Como caracterizar a relação entre as práticas de informação e os campos do saber sobre a informação que são a educação para os meios, informática e informação documental?
2. Fazer a síntese, em grupo, das considerações consultando os dados do Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, responsáveis pela criação e implementação do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) que avalia as habilidades de leitura, escrita e matemática no país.
3. Propor que o grupo consulte no *site* <www.revistas.usp.br/comueduc> o artigo de Guillermo Orozco Gómez, “Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos”, no qual o autor discute o papel da escola e dos professores na formação de alunos como receptores dos meios de comunicação de massa.
4. Discutir a valorização do ensino por competências com ênfase no conhecimento crítico e cidadania apontado no artigo de Divina Frau-Meigs e os principais entraves encontrados para a sua implementação. Comparar as considerações do artigo de Divina com as propostas feitas por Gomez no artigo citado.
5. Registrar o significado de *transletramento* proposto por Divina e sua relação com os modelos de ensino enfocados em competências.
6. Quais são os pressupostos do grupo de investigação Translit abordado no artigo e como os jovens são apresentados na proposta *e-learning* enquanto presença cognitiva e social

SEGUNDA ATIVIDADE

O quadrinho underground

Apesar das histórias em quadrinhos serem uma das mídias de grande influência na sociedade contemporânea devido a seu visual e linguagem simples, principalmente para as crianças e adolescentes, seu valor pedagógico é discutido nas escolas com forte rejeição. No artigo de Edson Pereira da Silva e Alan Bonner da Silva Costa, “*Níquel Náusea* vai à escola: usos dos quadrinhos em sala de aula”, são discutidos os usos didáticos da história em quadrinhos, em especial, no ensino de conteúdos de implicações sociais como: a teoria da evolução biológica e, também, aponta possíveis direcionamentos para os usos de histórias em quadrinhos em sala de aula.

A atividade é destinada aos alunos de graduação das áreas de Ciências e professores da escola do ensino básico e está organizada na seguinte sequência didática:

1. Começar com a leitura do artigo, destacando os itens: a história dos quadrinhos no Brasil apresentada na introdução; o quadrinho *underground* e a cultura no item *Níquel Náusea: uma HQ underground brasileira* e o quadrinho e a teoria evolutiva.
2. Fazer a síntese das ideias do autor e discutir em grupo.
3. Discutir em grupo as análises do autor, citadas abaixo, e registrar a opinião do grupo sobre elas.
 - “Uma informação em formato de história em quadrinhos é melhor e mais rapidamente apreendida por crianças do que por intermédio de qualquer outro meio.”
 - “Alguns trabalhos demonstram que o uso dos quadrinhos na escola pode melhorar a capacidade dos alunos de desconstruir textos em diversos níveis, permitindo a análise dos personagens, da intenção do autor, da história e de seu contexto, além de permitir as correlações entre design gráfico, imagens e palavras.”
4. Consultar nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) a orientação sobre o uso de quadrinhos em sala de aula e como orientam o planejamento e a condução das aulas de Biologia na direção da evolução e da ecologia⁶.
5. Após a leitura do item “*Níquel Náusea: uma HQ underground brasileira*”, escrever o que são os quadrinhos *underground*, quais quadrinhos *underground* conhece e se em algum momento de seus estudos estes ou outros quadrinhos foram utilizados para o trabalho em sala de aula.
6. No artigo, a análise da história em quadrinhos *Níquel Náusea* mostrou que essas tiras servem a um uso metalinguístico em sala de aula, apoiando o ensino da evolução biológica. Você utilizaria quadrinhos em sua sala de aula? Se sim, quais e com que objetivo?

6. BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

TERCEIRA ATIVIDADE

Espaços educativos como possibilidade de aprendizagem

O tema para esta atividade está relacionado com a proposta de Freire para a educação, citada na introdução, e do papel do professor que é o de instigar a curiosidade dos educandos levando-os a desenvolver a capacidade crítica. O artigo de Mercês Pietsch Cunha Mendonça, Iolene Lobato e Carlla Barbosa de Moraes, “Espaços educativos na perspectiva da educação integral”, traz a reflexão sobre a importância de estimular o educando a produzir conhecimento e que este processo começa pela problematização. A atividade esta organizada na seguinte sequência didática.

1. Propor a leitura do artigo “Espaços educativos na perspectiva da educação integral”, destacando os seguintes pontos:
 - O significado de educação integral abordado no artigo.
 - O que as autoras apresentam como espaços educativos.
2. Pesquisar no texto citado de Darcy Ribeiro⁷ a proposta de reformulação da escola, citada pelas autoras, quanto à organização, objetivos e integração social.
3. Propor a reflexão e a análise da proposta tendo como referência a viabilidade dessa escola diante da realidade da educação atual e da disponibilidade de recursos.
4. Propor a leitura do item “Além do Giz” do artigo, fazendo um roteiro do processo desenvolvido pela professora.
5. Analisar a citação “é difícil educar em uma escola integral se ele próprio, o professor ou a professora, não pensa a educação de uma maneira global e não põe em questão sua própria formação distorcida”⁸.

7. RIBEIRO, Darcy. *O livro dos CIEPs*. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

8. YUS, Rafael. Um paradigma holístico para a educação. *Revista Pedagógica Pátio*. Porto Alegre, n. 51, ago./out., 2009, p. 2.